



# Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado



## Adiar o cineminha mudou seus investimentos

Fundos de investimentos de shopping tiveram quedas e fraco movimento nos cinemas ajudou

Não são apenas os baldes de pipoca com um gosto exagerado de manteiga ou os copos de refrigerante do tamanho de jarras que têm suas vendas afetadas quando você troca o cinema por um filminho em casa. A concentração das salas de exibição em shopping centers faz com o setor sofrer com a ausência de espectadores.

As salas escuras são chamariz do público que, tradicionalmente, estende a noite para jantar em um restaurante, fazer as chamadas “compras de impulso” aquelas não planejadas e, obviamente, pagar o estacionamento, ainda que reclamando do preço.

Neste ano, seja por conta da multiplicação de serviços de

streaming levando lançamentos direto para a sua casa, da falta de dinheiro no bolso, ou mesmo pelos efeitos da greve de roteiristas e atores em Hollywood encerrada há pouco mais de 7 meses, está difícil arrastar multidões para o escurinho do cinema.

Vamos para os números. No último fim de semana de abril de 2024, os cinemas brasileiros tiveram o pior desempenho desde agosto de 2022, atraindo 699 mil espectadores. Não é algo pontual. No acumulado do ano, as salas escuras receberam 19 milhões de pessoas, contra 24 milhões no mesmo período do ano passado. Queda de 20%, segundo dados do setor.

E sabe quais tipos de investi-

mento sofrem com a “quebra de safra” dos filmes? Os fundos de investimento imobiliários (FIIs) de shopping. No IFIX espécie de Ibovespa dos fundos imobiliários temos cinco FIIs de shopping centers. Quatro deles viram o preço de suas cotas caírem de janeiro até agora. Os cinemas não são o único motivo, claro. Mas são considerados relevantes pelos gestores desse tipo de fundo.

Enquanto o IFIX subiu 2,35% no período. Os FIIs de shopping que compõem o índice tiveram quedas nas cotas que vão de 3,85% a 0,89%. A única alta entre eles (do fundo HSML11) foi de 1,06%.

Por mais que a variação no preço das cotas seja algo signifi-

cativo e que precisa ser acompanhado de perto, quem vive o mundo dos fundos imobiliários sabe que o investimento nesse tipo de ativo busca principalmente retorno através dos dividendos.

Em resumo, dividendos são a divisão do lucro percebido pelo shopping no período. Aluguel de lojas e taxas sobre vendas são divididos entre os milhares de cotistas, “pingando” na conta mensalmente. Enquanto o percentual de dividendos pagos, em relação ao preço atual das cotas (chamado dividend yield), dos cinco principais FIIs de shopping nos últimos 12 meses foi de 8,89% a 9,67%, a média de distribuição dos fundos que compõem

o IFIX foi de 11,12%, de acordo com dados compilados pelo site ClubeFii.

Isso significa que os FIIs de shopping vão definir enquanto o cinema não voar? Claro que não. Mas a correlação sempre importante na hora de ajustar sua carteira de investimentos está posta.

Conhecer os planos dos gestores dos fundos para fazer as receitas de seus empreendimentos dependerem menos da atração de público pelos lançamentos de filme seja organizando megaventos nos shoppings ou mudando o mix de lojas, para aumentar a circulação de pessoas pode dar boas dicas para o seu próximo bom investimento na área.

**O Banrisul é um banco único. Porque te entende.**

**banrisul**  
banrisul.com.br

## Fiergs aponta que cheias afetaram 80% da atividade econômica gaúcha

/INDÚSTRIA

Caren Mello, especial para o JC  
caren.mello@jcrs.com.br

O estado de calamidade pública que atingiu o Rio Grande do Sul, além das irrecuperáveis perdas humanas, trouxe também impacto econômico. Com mais de 67% dos municípios do Estado afetados, a indústria gaúcha ainda calcula os prejuízos em sua produção, bem como as consequências para as exportações.

“As perdas econômicas são inestimáveis no momento. Uma infinidade de empresas teve suas dependências completamente comprometidas. Além dos danos gigantescos de capital, os problemas logísticos devem afetar de forma significativa todas as cadeias econômicas do Estado”, afirma o presidente em exercício da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul

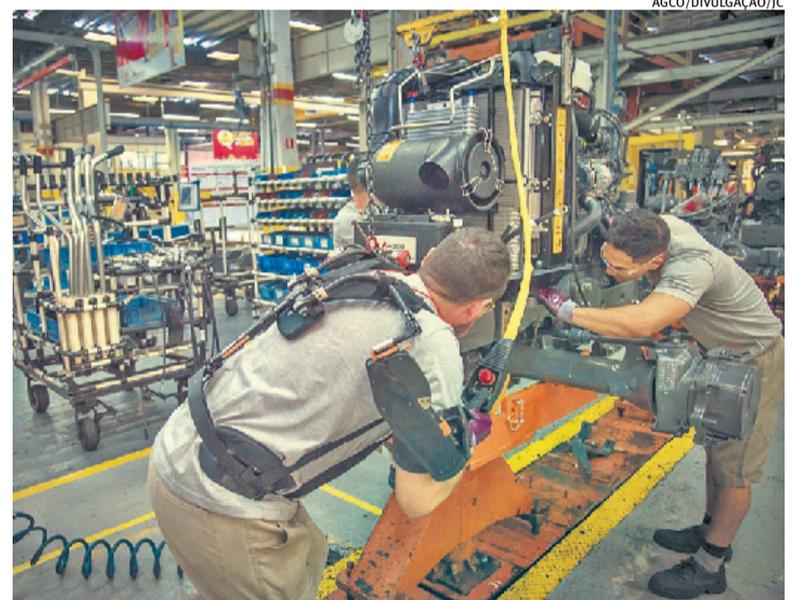
(Fiergs), Arildo Bennech Oliveira. Um estudo preliminar realizado pela Unidade de Estudos Econômicos (UEE) da Fiergs aponta que os 336 municípios atingidos pelas chuvas, conforme o Decreto estadual nº 57.603, de 5 de maio, correspondem a mais de 80% da atividade econômica do Estado.

Segundo o levantamento da UEE, os municípios afetados representam 80,3% do Valor Adicionado Bruto (VAB), 78,2% do VAB industrial, 86,4% dos estabelecimentos industriais, 87,2% dos empregos do setor, 89,1% das exportações da Indústria de Transformação e 83,3% da arrecadação de ICMS com atividades industriais. Oliveira chama atenção para os graves problemas de infraestrutura a serem enfrentados, destacando que, em boa parte dos casos, não será apenas necessário realizar o trabalho de desobstrução, mas de recons-

trução de estradas, pontes, vias férreas e até mesmo o principal aeroporto do Estado está com suas instalações comprometidas. Ele prevê que, como consequência inevitável ao caos instalado, muitos postos de trabalho deverão ser fechados se medidas excepcionais não forem implementadas pelos governantes.

Os locais mais atingidos incluem alguns dos principais polos industriais do Rio Grande do Sul, impactando segmentos significativos para a economia. Na Região da Serra, que emprega 115 mil pessoas na indústria, destaca-se a produção nos segmentos metalmeccânico (veículos, máquinas, produtos de metal) e móveis. Já na Região Metropolitana, com 127 mil empregados no setor, estão os segmentos metalmeccânico (veículos, autopeças, máquinas), derivados do petróleo e alimentos.

No Vale dos Sinos, que ocu-



Polo metalmeccânico de Canoas foi um dos segmentos prejudicados no RS

pa 160 mil industriários, encontra-se a produção de calçados. No Vale do Rio Pardo, a força está em alimentos (carnes, massas) e tabaco, enquanto no Vale do Taquari, alimentos (carnes), calçados e químicos.

Em função dessas dificuldades, a Fiergs, em audiência esta semana por vídeo com o ministro do Trabalho, Luiz Marinho, solicitou a adoção de medidas

emergenciais de apoio a indústrias e trabalhadores atingidos. Entre outras sugestões, a entidade pede redução da jornada de trabalho e salário, suspensão temporária do contrato de trabalho, antecipação de férias individuais, concessão de férias coletivas e suspensão da exigibilidade dos recolhimentos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).